

Margarida I. Almeida Amoedo

*Professora Associada do
Departamento de Filosofia*

Vivência de uma Universidade a caminho¹

Não estive nos primórdios da refundação da Universidade de Évora, dado que aqui iniciei funções apenas em 1987. Mesmo assim, cumpriram-se já 35 anos, desde a minha entrada, como Licenciada em Filosofia, na Instituição, através de concurso para uma vaga de Assistente Estagiária (categoria da carreira universitária entretanto desaparecida). O final do concurso foi um pouco atrasado, pois impôs-se aguardar a tomada de posse do Reitor Santos Júnior. Só me confrontei com a cidade num muito quente dia 14 de Maio, após uma viagem de autocarro com partida de Coimbra, por volta das 9 horas. (Naquele tempo, os horários dos transportes públicos eram sempre “por volta de...”.) E cheguei cerca das 16h 30m – sim, as deslocações eram, então, muito mais demoradas. Desconhecia Évora, por nem sequer nalguma excursão liceal a ter visitado antes, possuindo dela, no máximo, vislumbres oriundos do romance Aparição, de Vergílio Ferreira.

lit.
hu

Concorri àquela vaga, aliciada por um saudoso colega do Mestrado em Filosofia Contemporânea da Faculdade de Letras em Coimbra, o António Louro Carrilho, que me alertou para a alternativa de ser docente no ensino universitário. Ele sabia que eu leccionara durante um ano, na Escola Secundária de Penacova, com uma considerável sobrecarga de trabalho: tinha poucas horas lectivas, mas era a única docente do Grupo 10.º-B e, portanto,

Delegada de Grupo e membro do Conselho Pedagógico, embora fosse o meu primeiro ano de docência. Ora, à época entendíamos, e comprovava-se, que os professores universitários tinham, a par da componente lectiva, mais disponibilidade de tempo para se dedicarem à investigação. Também dois Professores da minha Alma Mater de Coimbra (Alexandre F. Morujão e Miguel Baptista Pereira) me incentivaram a concorrer para Évora, uma vez que ali não se previa, no imediato, a abertura de qualquer vaga. Foi o que fiz e entrei na que se tornaria “a minha atual Universidade”.

No começo, sobretudo com a experiência de ter turmas várias, de alunos de Licenciaturas em Ensino de diversas áreas, o serviço parecia inacabável: muitas inscrições, em disciplinas obrigatórias (v.g., Pedagogia Geral e Axiologia Educacional) da vertente de

¹ A autora responsabiliza-se por não recorrer ao acordo ortográfico que entrou na ordem jurídica portuguesa em 13 de Maio de 2009.

Filosofia da Educação desses cursos, no âmbito de um modelo formativo indelevelmente ligado ao Professor Manuel Ferreira Patrício, requeriam dedicação plena. Começava a delinear-se a perspectiva de que, quando mudasse de categoria, talvez a carga viesse a ser menos pesada.

Defendida a dissertação de Mestrado em Coimbra, em 1989, pude “subir” a Assistente. Os encargos mantiveram-se e, com o início do meu projecto de Doutoramento, eles passaram até a ter de se conjugar com novos esforços investigativos. Com Colegas na mesma fase das suas carreiras, partilhava os entusiasmos de justificar as olheiras com a difícil conciliação entre docência e investigação. A Universidade expandia-se, pedindo-nos cada vez mais: mais participação em órgãos, em disciplinas, em actividades departamentais e interdepartamentais, já que a nossa instituição se organizava, por uma opção francamente afortunada, em grandes áreas departamentais, em que havia experiência interdisciplinar. Por exemplo, as Comissões de Curso tinham todas representantes das várias áreas disciplinares envolvidas nos cursos e ainda não se inscrevia cada curso a um departamento. Lembro-me do trabalho desenvolvido nalgumas delas, numa experiência muito útil, pré-A3ES, de auto-avaliação das nossas Licenciaturas em Ensino.

A Universidade sofria, claro está, de muitas “dores de crescimento”. A par do incremento da oferta formativa e da entrada de estudantes para mais cursos, o número de funcionários, docentes e não-docentes, foi aumentando (se bem que não de maneira proporcional...) e a década de noventa foi marcada, nomeadamente, por certas alterações no relacionamento interpessoal, passados anos e anos de grande familiaridade, quando não mesmo, em muitos casos, amizade. Para uma organização maior tornava-se necessária a adopção de mecanismos de gestão menos “caseiros”; a Instituição começava a olhar mais para as suas congéneres, procurando identificar possíveis novas trajectórias, quer para alargar a sua estrutura, quer para a consolidar.

A Licenciatura em Filosofia seria lançada no ano lectivo de 1996-97, mas só no seguinte, finda uma dispensa de serviço para terminar a tese de Doutoramento, eu seria envolvida na leccionação de Introdução à Filosofia. A par de disciplinas de outros cursos, a nova Licenciatura mobilizava-me quase a tempo inteiro, quando, depois de esperar sete meses pela marcação das minhas provas de Doutoramento, tive de enfrentar a surpresa de, fixada a sua data para 4 de Fevereiro, serem antecipadas em 17 dias, sem que eu fosse de imediato avisada de uma tão inusitada alteração – a data inicial não deu jeito a um dos membros do Júri... Penso que, hoje em dia, não seria possível acontecer nada de semelhante, visto que os doutorandos são mais acompanhados e, certamente, defendidos, inclusive em termos de Serviços Académicos, de situações alheias ao que lhes é conveniente. A Universidade

| X

| a

tornou-se, entretanto, mais robusta, com procedimentos mais organizados à margem de decisões atrabiliárias de alguns Professores e de certos funcionários não docentes com bastante poder em pelouros decisivos no funcionamento institucional.

A primeira década do Século XXI passaria entre mil tarefas: por um lado, por estar envolvida, desde 1998, sendo eu já Prof.^a Auxiliar, na produção do *Jornal da Universidade de Évora* com o Reitor Jorge Araújo e, mais tarde, por me ter tornado, com o Reitor Manuel Patrício, Directora da Biblioteca Geral, assumindo, por conseguinte, as ingentes funções de gestão de uma unidade importante (pelo seu apoio ao labor científico-pedagógico da Universidade) na altura com 29 funcionários que cumpriam funções e horários diferentes; e, por outro lado, por se encetar, naquela etapa, a adequação de toda a oferta formativa ao Processo de Bolonha, com o que este tinha de revolucionário, tanto na concepção e na linguagem, como sobretudo na metodologia. Os Estudantes e os seus interesses ganharam, então, uma centralidade reclamada pelo menos desde o Movimento da Educação Nova e pareceu-nos que, finalmente, podíamos beneficiar das melhores lições da História da Pedagogia.

Foi um período de muito entusiasmo e de umas quantas decepções: as unidades curriculares multiplicaram-se; a disponibilidade para apoiar o estudo e a aprendizagem teve de se desdobrar mais ainda do que anteriormente, porque queríamos ensaiar projectos que combinassem reforço de orientação com autonomização dos Estudantes; ao mesmo tempo, queríamos chegar a destinatários variados: havia que atrair, não apenas os jovens candidatos vindos do Ensino Secundário, mas também Estudantes já na vida activa, nem que para isso fosse necessário leccionar até às 24 horas, ou seja, articular o horário diurno de uns, com o horário pós-laboral de outros. O número de docentes, ao menos no Departamento de Filosofia, não aumentava, ao passo que as incumbências, sim.

O facto de ter podido concorrer a uma vaga de Professor Associado na área de *Axiologia*, vaga que ocupo desde 2006, trouxe-me um suplemento de empenho, apesar do árdua que se tornou, a dado passo, a diminuição da procura da Filosofia pelos Estudantes. A nossa Universidade inovava nalgumas áreas – das Artes e das Tecnologias –, enquanto nas básicas – a Física e a Matemática, juntamente com a Filosofia – se passava um “mau bocado”; porém, ao longo dos anos, estas áreas reinventaram-se, para poder continuar a fornecer à Instituição um alimento imprescindível de saberes fundamentais, graças aos quais as especialidades podem fazer sentido.

Infelizmente, a preparação da maioria dos Estudantes à chegada à Universidade foi-se revelando cada vez menos consistente e a segunda década deste século trouxe-nos o desafio de lutar pelo melhor de Bolonha, querendo tudo fazer para motivar para o estudo,

usando recursos eventualmente mais atraentes para as actuais gerações. Os professores tiveram de adoptar o uso do Moodle e de outros meios de contacto permanente (em sentido literal, porquanto alguns alunos começaram a escrever-nos de madrugada, principalmente em períodos de provas escritas de avaliação), ainda que nem por isso a qualidade do trabalho quotidiano melhorasse. O conhecimento da inteira disponibilidade de quase todos os docentes – para emprestarem bibliografia, para esclarecerem dúvidas, para encontrarem alternativas menos clássicas para o dia-a-dia lectivo –, trouxe consigo, nos discentes, um estranho reverso de preguiça, nuns casos, de desinteresse, em demasiados outros. A hipótese de a carga de serviço poder vir a diminuir nalguma fase de desenvolvimento institucional posterior mostrava-se ser, definitivamente, uma miragem.

Há, contudo, neste começo da terceira década do século uma esperança: a dimensão de investigação universitária nunca foi tão incentivada e, hoje, os Centros de Investigação estão bastante activos. Se nesse ambiente formos capazes de ensinar o que parece ter deixado de ser viável nas aulas propriamente ditas, será possível, talvez, compensar as graves lacunas de domínio das linguagens diversas em que o conhecimento se elabora, transmite e enriquece, e sem as quais ninguém pode comunicar e aprender.

A nossa Universidade tem agora uma dimensão e uma estrutura mais equilibradas e isso autoriza-nos a expectativa de voltar a poder sonhar e a traçar rumos adequados para concretizar os nossos melhores planos. Os professores mais velhos já não estão cá e nós deixaremos também de estar dentro de algum tempo. Mas o projecto principal mantém-se: especialmente numa região com fragilidades pedagógicas de longa data e com uma população tão escassa, quanto envelhecida, a Universidade de Évora faz falta, valendo a pena continuar a pugnar pelo seu fortalecimento, como se estivéssemos a estreá-la constantemente.